

Rita Lee diante do espelho: e a bem humorada morte contemporânea

Jefferson William Gohl (UNESPAR)

A trajetória da artista Rita Lee Jones nos permite compreender como tanto o *rock* efetuado pelas primeiras bandas, quanto o que se disse sobre o gênero no Brasil contribuiu para a interpretação de sua reelaboração em termos de choque e assimilação. Em seu início de carreira temas inusitados como o suicídio se ligam a vários aspectos musicais e extramusicais como; incorporação de elementos do humor no conteúdo semântico e sonoro das canções. Há ao longo desta carreira questionamentos dos padrões de comportamento vigentes, assuntos tabu são abordados, bem como sua pertença de gênero entram em questão no caminho das primeiras experiências com o *rock* na juventude da artista, até a conquista do *Mainstream* fonográfico em meados dos anos 80 quando a canção pop ganha espaço, e uma alargada audiência para seus escritos cancionais. Graças a estes elementos a sua alavancagem no *boom* fonográfico entre as décadas de 1960 e 1980 a artista Rita Lee via-de-regra sempre foi identificada com a imagem da alegria e da juventude. Essencialmente da época do Regime Militar em diante foi assimilada pela cultura de massa do Brasil como intérprete de *rock and roll* e cancionista. No entanto no seu exercício criativo como escritora Rita Lee Jones, tem em vários suportes diferentes eventualmente se experimentado para além do espaço de letrista de canções. A exemplo a plataforma twiter, na qual postou recorrentemente textos curtos durante o ano de 2013, posteriormente os livros publicados e lançados pela editora Globo revelando outros aspectos de seu trabalho. Um dos temas que começam a se delinear nesta fase de sua carreira dizem respeito a mortalidade e muitas vezes uma reflexão sobre a própria autoimagem. Assim os trabalhos adquirem tons diferentes explorando o mote da morte e ao mesmo tempo, procuram vínculos com o restante de sua trajetória artística. Tais abordagens ocorrem já em um de seus últimos discos antes da aposentadoria dos palcos, o álbum Reza. Também em sua autobiografia em que elabora reflexões sobre seu tempo de vida. Ainda no livro Dropz em que seus contos apontam para imagens irônicas e controversas da mortalidade. “EIS-ME AQUI VIVA, MERA MORTAL, FILOSOFANDO sobre a vida, sobre Deus, sobre a crise mundial. “[...] Só não posso viver com quem não consegue conviver comigo, nessas eu tive foi sorte. E se você não salvou a minha vida pelo menos não arruíne a minha morte.” E por fim em seu recente lançamento no livro Favoreta, em que explora lugares pouco convencionais de temas como Deus, envelhecimento, imortalidade ou autocanibalismo que não tiveram espaço no meio cancional. O intuito desse trabalho, portanto é, apresentar como a percepção criativa da artista Rita Lee deixou registrada em seus vários trabalhos escritos uma determinada autoimagem e reflexões sobre a morte na contemporaneidade.

Quase sempre o tema da morte para Rita Lee esteve acompanhado de grande dose de ironia e perspectivas sarcásticas. Ainda na adolescência por volta de 1966 participando de um grupo de músicos iniciantes intitulado *Six Sided Rockers*, que mais tarde se denominaria *O'Seis* e gravariam um primeiro disco compacto contendo duas canções escatológicas para a época, *Apocalipse* e *Suicida* eram as canções registradas em fonogramas em que a voz de Rita Lee ainda sequer aparecia. A letra trazia uma narrativa do momento do suicídio de um jovem até seu enterro e consequente decomposição. O *twist* intitulado *Suicida* (TOBÉ, 1966) dizia:

Cisnei outro dia e quis me suicidar
Fui me atirar do viaduto do chá
A turma que passava não queria deixar
A vida pro meu lado estava má
Consciência pesada me mandava pular
Consciência pesada me mandava pular[...]
Era meia noite quando eu quis sair
A cova era apertada pra eu dormir
Eu era um fantasma e queria conversar
Com alguém que ali estava sentado a fumar
Era uma caveira vulgar
Não pode nem me assustar

Conforme se pode verificar muito mais tarde na canção *Gloria F*, Rita Lee assume a escrita de uma letra similar e reatualiza o humor negro da canção da adolescência. O contexto foi o de uma crise de avaliação da própria obra após a apresentação no festival *Rock In Rio* de 1985 e da perspectiva de uma abertura política e cultural que se avizinhava. O choque se dava frente aos rockeiros internacionais e a situação de isolamento a qual o país foi submetido durante vinte e um anos. Outras canções daquele disco intitulado *Rita e Roberto*, refletiam um certo estado de espírito de derrota, no entanto ainda assim vivido com grande dose de auto ironia. Vejamos algumas passagens de *Gloria F*. (LEE; CARVALHO, 1985)

Na sexta-feira eu cruzava calmamente o Viaduto do Chá
Por um segundo me bateu uma vontade doida de pular e pulei
A Kombi que passava eu achatei
Meu corpo ensangüentado se esfacelou pelo asfalto

E eu saquei: "Dessa vez exagerei!"
Mas só depois eu saquei: "Dessa vez exagerei!"[...]
Meu bem, sou Glória Frankenstein!
Sou Glória!
Glória Frankenstein!
Na Glória!
Glória Frankenstein!

Embora a letra seja suficientemente distinta da primeira, esta segunda divide autoria com Roberto de Carvalho, que atuou na elaboração composicional da canção. Deve-se reconhecer que formalmente há elementos que permitem compará-las. Antonio Calado apontou esta semelhança no twist pós-eletrônico de 1985. (CALADO, 1995, p.64) No entanto o que diferencia uma de outra é exatamente o viés de seu humor, menos mórbido, e mais carregado de sentidos do cotidiano.

Os temas mais densos e mórbidos em relação a morte e ao suicídio haviam sido registrados pela artista em dupla formada com Lucia Turnbull ainda antes do reconhecimento no *Rock In Rio*, deste que pode ser considerado um momento de auge de carreira.

O processo de desligamento da artista Rita Lee de seu conhecido grupo de *rock Os Mutantes* em 1972 levou a uma crise existencial e a formação de um grupo denominado *Cilibrinas do Éden*. As sonoridades experimentadas por este grupo ficaram registradas em um álbum de 1973.¹ Apesar de ter integrantes masculinos d'*Os Mutantes* acompanhando suas canções,² esta formação não ganhou consistência ou angariou mais apoios, e ficou reconhecida como um pequeno grupo feminino, exatamente como era o projeto original de Rita Lee – formar um grupo apenas com mulheres. A dupla que conseguiu um espaço para apresentar sua música no *Festival Phono 73*, abordou em suas composições temáticas abrangentes, a marginalidade, a conexão com a natureza, o suicídio, o sexo, em suma, temas ligados à transgressão e ambíguos quanto à expressão da sexualidade. As sonoridades ora eram acústicas, pois primavam pela execução

¹ LEE, Rita. TURNBULL, Lúcia. *As Cilibrinas do Éden*. Rio de Janeiro: Philips, 1973. Fonogramas 8025658. Este disco foi gravado entre o final de 1973 e início de 1974 entre os artistas que participaram da Phono 73 e nunca ganhou lançamento comercial. No fim da década de 1990 tentou-se o seu lançamento, mas as negociações entre os artistas envolvidos impediram que isso ocorresse. Finalmente, em janeiro de 2009 saiu um lançamento pirata, fora do país, limitado de 1.000 cópias, sendo 500 LPs em vinil e 500 CDs.

² Sérgio Dias Baptista, Arnaldo Dias Baptista, Dinho e mais alguns amigos de *rock* da Pompéia como Lee Marcucci auxiliavam as duas com o sistema do P.A. e algumas linhas instrumentais.

timbrística de violões, ora sustentadas por um instrumental pesadamente elétrico, que dependia de bateria e recursos técnicos de terceiros e com referências que iam de *Beatles* e acordes rolingstonianos, até levadas de *rockabilly* que remontavam a Elvis Presley e à Jovem Guarda.

O suicídio foi representado de maneira crua na canção “ainda bem que eu não desisto”, que tinha também a denominação *Bad trip*. (LEE; TURNBULL, 1973)

De repente eu me vejo / amarelada, bodiada / sem ninguém /
Nessas horas aparece / a preguiça, a / vontade / de sumir de vez /
Que medo, que grilo, / Que bode, BadTrip / Não sei se com você
isso já aconteceu. / Às vezes não consigo sorrir. / Ainda bem que
eu não desisto / dessa vida louca / Tive vontade sim de dar um
tiro na cabeça (3x) / Ainda bem que não desisto / dessa vida louca
/ Tive vontade sim de / dar...

A canção *Ainda bem que eu não desisto* foi submetida como uma única estrofe que dizia “Ainda bem que eu não desisto/Dessa vida louca/Tive vontade sim/ De dar um tiro/ na cabeça.” Muito embora no disco a gravação da execução do *show* tenha comportado um acréscimo de conteúdo significativo na canção denominada *Badtrip*, todo o preâmbulo, que é declamado por Rita Lee e Lúcia Turnbull, funcionava como uma introdução a este tema que é isoladamente submetido à censura prévia e recebe um primeiro parecer vetando sua publicação nos seguintes termos: “Sugiro a não liberação por julgá-la anti-social; potencialmente indutiva ao suicídio. Base para interdição na legislação censória dec. 20 493/46 artigo 41 alínea “b” e dec.51.134/61 art. 2 incisos II e IV.” (DCDP, 1973, cx. 645)

No caso da primeira lei citada, o inciso constrói-se sob o seguinte argumento: “b) contiver cenas de ferocidade ou fôr capaz de sugerir a prática de crimes”; já no caso da segunda, os incisos indicavam “II - possa exercer influência nefasta ao espírito infanto-juvenil, pelas cenas de crueldade ou desumanidade, de vícios ou crimes; IV - explore cenas deprimentes, vícios ou perversões, anomalias, que possam induzir aos maus costumes, ou sugerir prática de crimes”. (DCDP, 1973, cx. 645) Além do atentado à moral que o próprio artigo prescrevia, o que se vê no uso que o censor faz da legislação para respaldar suas interpretações é que nos dois incisos a associação entre juventude e crime é evidente, assim, o suicídio é entendido como crime e tal interpretação leva ao veto.

Outro parecer qualifica a questão de outra forma:

No meu entender, a mensagem trazida na música, aliás de fácil análise, por ser única, não é propriamente perniciososa, já que entre o desespero, a morte e continuar vivendo, há opção pela segunda hipótese, e enfrentar a vida já é algo positivo. Outrossim mesmo que se considere outra interpretação à mensagem, não vejo como enquadrar o teor da letra como ofensiva à legislação vigente. Peço destarte sua liberação sem restrições. (DCDP, 1973, cx. 645)

O que se vê no choque de interpretações é que, o suicídio enquanto tema começa a ser entendido como um problema em si mesmo, naquele contexto histórico de vigência da censura, e claro na concepção de uma parcela dos censores. Este tema articulado a outras subjetivações poderia se desdobrar em um veto simples que o enquadrava como crime em sua simples menção. Mas no caso deste processo em questão, a liberação foi a resultante apontada em nota.

Sr. Chefe

Face ao contido nos pareceres 9551/73 e 9616/73, submeto o presente processo a superior consideração de VS, opinando smj (sic), pelo acatamento do sugerido no último, ou seja, a aprovação.

Aprovado pelo chefe do DCDP F.V. de Azevedo Neto 26/10/73. (DCDP, 1973, cx. 645)

Desta forma os vetos realizados aos conteúdos das canções compostas por Rita Lee e Lucia Turnbull, ofereciam o limite social para expressão de sua potencialidade criativa. Limites contra os quais as artistas deveriam buscar suas próprias medidas de autocontrole e expressão. Estes disco nunca lançado pela gravadora, se configurou como uma voz sufocada, e permaneceu como se nunca tivesse existido na carreira da artista.

Entre os anos de 1975 e 1975, depois da superação das crises pessoais e da retomada plena da carreira, a primeira canção que atinge o grande público em que o tema da morte pode ser entrevisto em perspectiva de duplo sentido, virá no álbum de 1976 intitulado *Entradas e Bandeiras*. (LEE, 1976)

Coisas da vida
Quando a lua apareceu
Ninguém sonhava mais do que eu
Já era tarde
Mas a noite é uma criança distraída

Depois que eu envelhecer
Ninguém precisa mais me dizer
Como é estranho ser humano
Nessas horas de partida
É o fim da picada
Depois da estrada começa
Uma grande avenida
No fim da avenida
Existe uma chance, uma sorte,
Uma nova saída
São coisas da vida
E a gente se olha, e não sabe
Se vai ou se fica
Qual é a moral?
Qual vai ser o final
Dessa história?
Eu não tenho nada pra dizer
Por isso digo
Que eu não tenho muito o que perder
Por isso jogo
Eu não tenho hora pra morrer
Por isso sonho
Aaah... são coisas da vida
E a gente se olha,
E não sabe se vai ou se fica

Embora a canção possa ser interpretada no mote forte da despedida, ela pode ser compreendida também ambigualmente. O final da história que se sugere na letra pode ser o fim de uma relação amorosa, ou como o fim do ocaso da vida após a velhice. Aqui a morte em si não ganha nenhuma representação específica, é somente uma leve sugestão de algo fortuito, que atinge o eu poético e o ouvinte como um chamado distante. “Eu não tenho hora de morrer por isso sonho.” Mas o horizonte do envelhecimento configura um lugar de aprendizado, e se entendido como uma metáfora para a morte, o além-mundo está representado de forma a oferecer um quadro de esperança e de continuidade. As imagens da picada, da estrada e da avenida funcionam como lugar de alargamento do pós vida, ou do aprendizado obtido nela.

No disco seguinte lançado no ano 1979 a morte é novamente representada, só que desta vez em seu vínculo com as possibilidades de conexão com o amor carnal na canção *Doce Vampiro*.(LEE, 1979)

Venha me beijar
Meu doce vampiro
Na luz do luar

Venha sugar o calor
De dentro do meu sangue vermelho
Tão vivo, tão eterno veneno
Que mata sua sede
Que me bebe quente como um licor
Brindando à morte e fazendo amor[...]
Vou abrir a porta pra você entrar
Beijar minha boca
Até me matar de amor

Há a representação do personagem amante vampiro, e sua relação íntima com fluídos e a morte inequívoca que se opera pela inversão de valores. Oferta a valorização do prazer sensorial, e mesmo um mal sugerido orgasmo vivido como pequena morte. Juntos aqui a morte, o amor, o apelo sensual de humor adocicado, que atenua o mórbido, a ironia ou o sarcasmo.

Depois disto em sua ascensão até o momento do *Rock In Rio*, os temas da morte não mais seriam retomados por Rita Lee Jones até *Gloria F*, e não retornariam antes dos anos 1990 quando outro contexto se anunciava. Vejamos a letra de *Filho meu*, no álbum de 1993.(LEE, 1993)

Meu filho me disse mãe,
Hoje já é amanhã
Aquele sonho tutti-frutti mãe,
Virou um kaos de hortelã
Computador e sem puta dor
O vírus vai atacar[...]
Vivo com medo de morrer
Morro de medo de viver
O Brasil é tão louco[...]
A mão que afaga é da mãe que afoga
Help! Ó mãe gentil!
Help! Quem me pariu!
Help! Eu quero minha alma de volta!
O vírus do Ipiranga
Versus HIV [...]
Será que não vai mudar
Os quintos desse inferno
Juro que eu nasci pra ser um ser qualquer
Quinze minutos de eterno!

Nesta canção em que os *riffs* de guitarra, se intercalam a compassos e arranjos melódicos que apelam para o *pop*, o risco de morte, advém dos significados da vida caótica brasileira. Os vírus são ao mesmo tempo cibernéticos e biológicos, a insegurança

é a aposta, para aqueles que temem a morte ou a vida. Emulando o disco *Help* dos Beatles, o *help* de Rita Lee, reclama o retorno da alma, num lugar equiparado ao inferno: o Brasil. A sugestão é de que todos já morremos. Ao final daquela década viria ainda outra canção que interpretada por ela, articulava novamente o vírus HIV e as chances de morte, no entanto o tom aqui é de um *triller* de suspense. O registro acústico desta canção traz sonoridades fechadas e um tom menos bem humorado que o conjunto da produção de Rita Lee, seja ela com temas da morte ou não.

O gosto do azedo (LEE, Beto, 1998)

Para o sangue, sou o veneno
Eu mato, eu como, eu dreno
Para o resto da vida, sou extremo
Sou o gosto do azedo
A explosão de um torpedo
Contaminação do medo
Eu guardo seu segredo
Sou o HIV que você não vê
Você não me vê
Mas eu vejo você
Sou a ponta da agulha
Tanto bato até que você fura
É minha a sua captura
Sou dupla persona
Seu estado de coma
Sou o caos, sou a zona
Seu nocaute na lona
Sou o HIV que você não vê
Você não me vê
Mas eu vejo você
Eu sou o livre arbítrio
Sem causa e com efeito
Sua força é meu grande defeito
Sou a dor da tortura
Uma nova ditadura
Terminal da loucura
Sou o vírus sem cura

Como se pode ver a voz de Rita Lee se manifestou eventualmente de forma a dar vazão aos temas da morte de si e eventualmente da morte do outro. Com doses de humor, mas uma voz projetada em torno das personagens que lhe habitam. Mesmo o vírus que ameaça, fala em primeira pessoa. Ora Mãe, ora assassina, o grande jogo é a

intercambiação de posições de onde se fala. Em seus vários eu líricos, ora a morrente, ora a que invoca a morte.

Por fim depois de vários anos em que o tema não será mais abordado, o disco que encerraria a carreira de gravações fonográficas de Rita Lee seria na verdade uma grande reflexão sobre o fim, e sobre a morte, e os temas vem a tona em várias canções, em que ela - em paralelo - desenvolve já outros projetos de escrita.

Assim começa o disco *Reza* (LEE, 2011), lançado em 2011 com os rogos e representações das ladainhas que imploram conhecimento e proteção se encontram presentes no ambiente sonoro da abertura do produto cancional de Rita Lee na introdução de uma declamação intitulada *Pistis Sophia* em que ela diz:

Nossa senhora aparecida
Dai-me força nessa vida
Pra remar meu barco até o pôrto
Deus é pai, num é padraço,
É salvador, num é carrasco
Escreve o certo meio torto
Quero fé e sabedoria
Eu sou Pistis Sophia
Em busca do meu endereço
Estou aqui na matéria
Onde morte é coisa séria
A eternidade tem seu preço
Pois o céu que me ajude
Me dando sorte e saúde
Que o resto eu seguro bem
Pode até faltar dinheiro
Real, cruzado ou cruzeiro
Mas o amor vale mais
Amém.

Na breve canção/ladainha a indicação direta sobre o ato de remar o barco até o porto, a busca por conhecimento e segurança e a presença na matéria com a morte sendo significadas como coisa séria, mostram uma reversão de expectativa quanto aos trabalhos anteriores da artista via de regra bem humorados, mesmo que por vezes tenham sido ácidos ou debochados. Fé, sabedoria e saúde estes são os atributos pedidos antes do ato final de despedida em que nota-se que o elemento do humor não vai faltar. Em todo caso a qualidade satírica deste trabalho mostra uma inflexão diversa. A perspectiva do fim e que pode ser ou não acompanhado da morte traz elementos mais densos.

A canção *Reza* que intitula o disco diz respeito antes de tudo à vida, mas se dirige a Deus, pedindo proteção divina contra os azares que ela pode trazer, Ou ainda contra desejos invejosos daqueles que possam porventura podem magicamente interferir na tranquilidade pessoal. Roga-se na canção por uma defesa contra inveja, macumba, praga, raiva e veneno, mas ao mesmo tempo que pede pela vida bem vivida ou livre de infortúnios possui um nota melancólica quando pede que Deus acompanhe, ampare, levante dê força, e acima de tudo que não deixe o sujeito enunciador se assemelhar aos que lhe desejam o mal, deixando assim os inimigos distantes. O imaginário popular dos maus olhados e o fim incerto dos invejosos na vida ou além dela ficam subentendidos nos irônicos versos de Rita Lee.

No clipe que divulga a canção que foi parar na trilha sonora de uma novela da TV Globo, ela encarna visualmente a proposta. Em um passeio pós-psicodélico num bosque de cores antinaturais Rita Lee traz no peito em sua camiseta a palavra *Life* em rosa. *Reza* de fato diz respeito à vida, mas não só isso, neste caso a própria trajetória que se faz nesta vida. Visualmente o *videoclip* apresenta-a acompanhada não de Deus, como sugere a letra, mas sim por entidades aladas que a sobrevoam representando os males exorcizados pela enunciação. O marido Roberto de Carvalho anda em paralelo até uma clareira onde executa um solo de guitarra que ambienta a canção, a partir deste momento no vídeo, Rita Lee se liberta de todos os males com um grito onomatopéico de Wooooo!³ A vida, ou melhor, seu percurso, está a salvo.

O sugerido fim desta mesma trajetória da carreira expressa um presente muito menos alegre do que aquele que se apresenta na canção *Reza*. A canção *Tô um lixo* acontece na forma de lamúria pelo fim de excessos relacionados ao viver despreocupadamente. O eu poético afirma em primeira pessoa:

Tô um lixo (LEE, 2011)
Parei de fumar
Parei de beber
Parei de jogar
Parei de ser aquele
Ser cafajeste
Aquela peste
Nem banho tomo mais
Trabalho tanto faz

³ LEE, Rita . *Reza*. Videoclip. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pmOrZ5hvcoE>
Acessado em 22/04/2016

A cabeça tá um jazz
Eu vivo pelos cantos feito bicho
Eu tô um lixo

Longe de uma confissão pessoal da artista sobre seu real estado físico ou emocional, a canção trabalha a representação das proibições inerentes ao percurso biológico fragilizado de todo ser humano, o medo do fim e com ele das restrições hedonistas e mesmo egoístas do ser. Elementos que marcam a canção que possui sustentações harmônicas pairando acima da voz da cantora e os acordes transitam entre um formato *pop* e a liberdade de criação do *rock*, mantendo a tensividade do reclame efetuado.

Na canção *Divagando* ocorrem questões filosóficas sobre a transitoriedade da vida em conexões com sonoridades eletrônicas de um sintetizador que lembram a *disc music* dos anos 1970-1980. Estas questões recolocam a lógica do *Carpe Diem* que aquele estilo cancional consagrou como paradigma de um viver pulsante e sem profundas reflexões. O cenário da noite que seria comum aos DJs e seus públicos, é na letra substituído por uma manhã letárgica e vagamente definida em termos puramente físicos ou cinestésicos. Nada da discoteca sobreviveria nesta re elaboração que passou pelo trabalho do DJ Zegon do 80's Beats. (LEE, 2011)

Divagando
Devagar
Quase parando
De pensar
En passant
Câmera lenta
De manhã
O tempo voando
Passando batido
No sentido inverso
Do meu universo
Que segue no espaço
Quanto tempo ainda tenho no mundo?
Eons? Milênios?
Milésimos de segundo?

Nesta canção é a vida de novo que está em questão, e fundamentalmente sua qualidade de experiência. Já para Rita Lee a canção decorre de reflexões amadurecidas de uma classe média advinda dos anos 1970 que no ocaso de uma trajetória se vê na esquina da transcendência ainda sem respostas. Seu legado é a própria forma de

expressar-se em suas canções na divagação sobre a vida. Uma espécie de educação sentimental do estar no mundo ao final de um percurso. Representações que serão retomadas na canção *Vidinha* (LEE, 2011), em que o eu poético na primeira pessoa nos sugere novamente uma perspectiva de reclame deste conseqüente estágio em que se encontra, posterior a vida produtiva e anterior a inevitável despedida final.

Faço terapia
Malho todo dia
Pratico yoga
Não uso mais droga
Tomo ansiolitico
Em estado crítico
Na crise de pânico
Propofol orgânico
Vidinha besta
Vidinha furreca
Vidinha chinfrim
Ô vidinha de merda
Sou boa de cama
Sem levar a fama
Cuido bem da dieta
Ando de bicicleta
Não sei onde estava
Antes de nascer
Não sei pra onde vou
Depois de morrer
Vidinha besta
Vidinha furreca
Vidinha chinfrim
Ô vidinha de merda⁴

As questões não resolvidas de todos nós como “de onde viemos” e “para onde vamos”, são colocadas explicitamente e o adjetivo usado para definir a própria vida, ou seu sucedâneo na experiência decorrida é a “merda”. As adjetivações de “besta”, “furreca” ou “chinfrim”, como estratégia de desvalorização apontam para o horizonte da morte de maneira amarga. A rápida bateria de Iggor Cavallera impõe uma cadencia de urgência e as linhas das guitarras ganham densidade a medida que vocais de fundo aceleram ao final da canção este mesmo sentido.

Um verdadeiro rancor contra a vida transcorrida no país, acaba sendo cifrado na canção composta na língua inglesa *Paradise Brasil*.(LEE, 2011) Os anglicismos foram

⁴ LEE, Rita. Vidinha. In: *Reza*. Biscoito Fino, 2015 [LP faixa 06 /CD Faixa05]

recorrentes da carreira de Rita Lee,⁵ aqui a canção pós tropicalista efetua novamente os atos de mistura e fusão, mas que se encontram na diáfana denúncia do país tropical e da morte anunciada, e mesmo erotizada.

Paradise Brasil
You dress to die, and strip to kill
But nature lies in a ditch
Oh, ain't life a bitch
Paradise Brasil
Where the nature come from
Sins are a thrill
But nature lies in a ditch
Oh, ain't life a bitch
[...]
God is Brazilian
I believe it's true
Get some green and yellow
When you're feeling blue⁶
Carnavalia, Bacanalia, Tropicalia
Muaba, Macumba, Muamba
Carmem Miranda
Quanto le gusta, le gusta banana na banda
Carmem Miranda

O carnaval, a tropicália, como signos do absurdo de nossa civilização de empréstimos culturais surgem como elementos caóticos da vida que não pode ser compreendida e que dá lugar a morte bem trajada, e a natureza deteriorada no país da nudez.

As demais canções presentes no álbum se relacionam a elementos do presente vivido, destinada a uma identificação ampla de público, os temas dos amores e da sexualidade, a vivência cosmopolita e gastronômica na cidade de São Paulo assuntos recorrentes em toda sua obra cancional. Assim as faixas *As loucas*, *Rapaz*, *Bixo Grilo*, *Bagdá*, *Tutti Fuditti*, *Gororoba* e *Bamboogiewoogie* são vida pura e expressada de maneira debochada e alegre como quase o conjunto de toda sua obra anterior. A

⁵ Uma análise mais apurada dos usos da língua inglesa de maneira híbrida na escrita das letras foi empreendida em trabalho acadêmico anterior. Cf. GOHL, Jefferson William. Esse tal de *Roque Enrow!*: A trajetória de Rita Lee de *outsider* ao *mainstream* (1967-1985). Brasília: Universidade de Brasília- UnB [Doutorado em História].2014

⁶ Brasil paradisíaco / Você se veste para morrer, despe-se para matar / Mas a mentira da natureza está na vala/ Oh, não é a vida uma vadia (cadela, sacana) / Brasil paradisíaco / Quando a loucura vêm / Pecados são uma brincadeira / Mas a natureza está na vala / Oh, não é a vida uma vadia.
Deus é brasileiro / Eu acredito que é verdade / Ter um pouco de verde e amarelo / Quando você está se sentindo azul [Tradução do autor]

perspectiva da morte não interfere nestas canções de modo direto, já o final de carreira sim. A perspectiva de último trabalho pesa na elaboração de canções que tem por objetivo mostrar um percurso dos vários estilos estéticos, presentes em vários de seus projetos autorais anteriores e que se fundem em um apelo, de mostra na habilidade de trânsito entre as várias propostas de cada tempo. A madura Rita Lee deixa seu legado em álbum de despedida, que possui um conjunto de canções um tanto amargo contra a vida. A imagem da morte em si ou sua possibilidade de ocorrência não são imediatamente aspectos trabalhados, e sim a vida que se leva em nossa curta temporada neste mundo transitório; e conforme a compositora em sua metáfora no mundo que possibilita os aprendizados de “Sophia”.

O disco/CD de Rita Lee encerra-se com uma música sem letra intitulada *Pow* que a própria Rita Lee no comando de um sintetizador trabalha frequências e ritmos. A artista acaba assumido a necessidade de afastamento do trabalho de composição das letras e dito em entrevista “eu tenho me cansado da palavra, estou gostando mais do som, dos botõezinhos.” (OLIVEIRA, 2008) O fim desta última obra discográfica acaba portanto nesta música “instrumental” em uma estática eletrônica de sons sem a presença da voz da cantora, talvez sem aquilo que mais represente o trabalho e a materialidade de seu exercício na passagem pelo mundo. A canção *Pistis Sophia*, nesse sentido abre as canções lembrando da rapidez da vida e do avizinhamo da morte que é sua conclusão natural.

Rita Lee muitas vezes se afirmou, fã de cinema, e no entanto apesar de declarações em que disse se cansar da palavra escrita das letras das canções, ao deixar de se preocupar com a habilidade de cancionista necessária para se produzir produtos fonográficos, mergulhou cada vez mais na escrita em prosa, que se manifestou em inúmeras publicações. O livro *Storynhas*, com ilustração de Laerte, no preparo de sua autobiografia intitulada tão somente Rita Lee uma autobiografia, e mais dois livros, todos lançados pela Editora Globo Livros.

Enquanto o livro *Storynhas* (LEE, 2013) que foi a público em fins de 2013, constituía-se como uma coletânea humorística de textos anteriormente vinculada na plataforma *Twitter*, os demais que viriam depois deste podem ganhar maior autonomia, pois não se encontram limitados pelos exíguos limites daquela plataforma que limita o número de caracteres a serem publicados.

Os textos produzidos por Rita Lee, via-de-regra giram em torno do capital simbólico de sua própria trajetória demarcando um campo limitado de sentidos, muito embora por meio deste dispositivo, ela possa discutir inúmeros outros temas que lhe são afetos.

Em sua autobiografia publicada em 2016, essencialmente a natureza de sua escrita encontra-se ancorada na memória. O registro da vida neste texto se configura como uma passagem a limpo dos vários momentos pregressos em que foi convocada pelos media (imprensa/indústria fonográfica) a produzir conteúdo sobre si mesma. Cada rasgo de vida lembrada, cada episódio marcante compartilhado com a famigerada “opinião pública”, vai ganhando notas curtas que reatualizam e reenquadram no plano da memória a sua perspectiva. Aqui o texto poético é expulso, para dar lugar a uma prosa autobiográfica em primeira pessoa que mantém um tom mordaz, entre o nostálgico e o desiludido. (LEE, 2016)

Fala-se pouco da morte, na reelaboração das lembranças ao se referir a respeito da separação do grupo *Os Mutantes*, recorda como dá a notícia a família. “Me expulsaram da banda e antes que a solidão me atirasse embaixo de um caminhão, lembrei que vocês talvez pudessem me acolher de volta. Juro que é por pouco tempo.” (LEE, 2016, p.114) Aqui a virtualidade do suicídio como possibilidade, admitido anteriormente em outras entrevistas e mesmo evidente em algumas canções do período de 1973 aparece, mas sem rancores ou magoas, manifestas. Uma ameaça da morte que agora revista se encontra destituída do peso emocional, do passado.

No entanto contar a morte dos pais, assume outras características, sem fugir de todo de seu traço estilístico. As imagens paternas e maternas figuram de modo mais denso, e a exemplo no texto intitulado, *A rainha está morta. Viva a rainha!*, o gancho com o passado passa pela vertigem das lacunas inexplicáveis.

Estávamos com os nossos meninos de férias na ilha caribenha de Saint Martin quando no meio da noite sonho com Chesa se transformando num cometa cruzando o céu e me dando um tchauzinho. Quando acordo, um telegrama embaixo da porta do quarto: “mãe morreu hoje. Enterro amanhã. Virgínia”. Não lembro como foi nossa volta, não estava dentro do meu corpo. Rob cuidou de fazer as malas e conseguiu vôo para o dia seguinte, escalas em Miami e Recife, ou seja quando chegamos Chesa já estava enterrada. Dessa vez não deu tempo de me despedir com um beijo na boca, como eu havia feito com Mary e Charles. Mai

uma vez não vi o corpo no caixão, não fui ao enterro. Para mim, ela continuava bonitinha logo ali ao lado, na rua Alagoas. (LEE, 2016, p.210)

Em todo caso uma morte recordada, mas colocada em perspectiva. O título sugere mesmo outra elaboração, mais cômica do que a descrição em si. O enquadramento produz a perspectiva para manutenção do pacto de escuta/leitura de seu material. Mas a hipótese da própria morte, essa sim é trabalhada dentro do dispositivo assumido de definição do eu. Seus dois últimos textos que encerram o registro memorial tem uma aura de revisão. Vejamos:

A lôka

Não faço a Madalena arrependida com discursinho antidrogas, não me culpo por ter entrado em muitas, eu me orgulho de ter saído de todas. Reconheço que minhas melhores músicas foram compostas em estado alterado, as piores também.[...] brincar de dona de casa, escrever historinhas, deixar os cabelos brancos, assistir novela, reler livros de crimes que já esqueci quem eram os culpados, ler biografias de celebridades com mais de setenta anos, descolar adoção para bichos abandonados, acompanhar a politica planetária, faxinar gavetas, aprender a cozinhar, namorar Roberto e, se ainda me sobrar um tempinho compor umas musiquinhas. (LEE, 2016, p.264)

São dois textos que se complementam e se autoreferenciam por meio do mote da vida pregressa levada, a vida que se tem e que se espera concluir e da morte como continuidade desta mesma vida, e seus prazeres.

Profecia

Quando eu morrer, posso imaginar as palavras de carinho de quem me detesta. Algumas rádios tocarão minhas músicas sem cobrar jabá, colegas dirão que farei falta no mundo da música, quem sabe até deem meu nome para uma rua sem saída.[...] Enquanto isso, estarei eu de alma presente no céu, tocando minha autosharp e cantando para Deus: “Thank you Lord, finally sedated” Epitáfio: Ela nunca foi um bom exemplo, mas era gente boa. (LEE, 2016, p.267)

A escrita autobiográfica de Rita Lee, se produz de modo a levar os vários eus desconstituídos em seus fragmentos de textos, para dentro do dispositivo ficcional. A voz de Rita Lee em várias personagens que não são ela mesma, e ao mesmo tempo o são também, por meio do deslocamento da voz que ora significam “La cantante” ela mesma, ora projetam-na fora de si mesma. Projeções nas demais personagens, celebridades e personalidades que ela anima por meio desta voz.

Na escrita ficcional de *Dropz*, alguns textos, possuem âncoras autobiográficas, outros não; em vários os casos no entanto a morte reaparece de forma recorrente. Como no conto *Los Fantoms*. Nele há três fantasmas de ocupações e personalidades variadas como pracinhas da Segunda Guerra, um roqueiro desconhecido e mesmo ilustres artistas, como Carmem Miranda que “bem assombram” uma casa no bairro de Santa Tereza. No espaço carnalizante da trama imaginada pela escritora, sobram mensagens supostamente edificantes sobre a natureza mesma da morte. Neste conto os fantasmas não tem mais medo da morte, e um fictício pastor evangélico, ouve de um deles:

Entendo... mas ainda há tempo de repensar sua vida. Use sua formação teológica para meditar sobre os mistérios divinos e lembrar que quando morremos não levamos nem as glórias nem os fracassos, apenas o amor que demos e recebemos. Soa meio clichê mas basicamente é assim.”(LEE, 2017, p.51)

A história intitulada *Ahmud* ironiza os choques de cultura do mundo ocidental frente aos muçulmanos, mas se encerra comicamente com a morte do personagem principal. Breves contos criam personagens genéricos porém reconhecíveis, que despersonalizam uma trajetória inequívoca a todos, resignificando alguns fatos. Intitulados *Final Infeliz*, *O rei* e *A princesa triste* reelaboram de forma livre a memória de mortos célebres como James Dean, Elvis Presley e a inglesa Princesa Diana. Mas a preocupação inerente em cada uma destas histórias, parece ser passar uma espécie de dica sobre o liame da vida que os personagens levavam e a situação icônica de suas mortes. Sobre Elvis Presley Rita Lee encerra sua história: “ O rei morreu numa situação indigna de sua realeza. O rei está morto. Viva o Rei!” (LEE, 2017, p.81)

Como se pode ver a morte é utilizada por Rita Lee como recurso ao humor, algumas vezes sarcástico. Brinca no conto intitulado *Segredo* com o assassinato de John Kennedy e a morte que também daria fim de maneira estúpida e anônima ao seu assassino. Há também nesta prosa da escritora Rita Lee as mortes imaginadas, que explicam comicamente esferas transcendentais nas histórias *Lá e cá*, *Morto vivo* e *Epifania*.

Apesar de se valer da morte como um recurso cômico, por um número considerável destes textos, irrompem reflexões e mesmo projeções acerca da morte. Na história *Plin!* A morte esperada e por isso mesmo dolorosa é problematizada. A morte

fortuita e portanto atroz, é representada na transformação de uma larva em borboleta, que a espera no início da vida, mas se depara com ela somente ao final. Mas as reflexões com traços de confissão pessoal se apresentam no texto em primeira pessoa no gênero feminino intitulado *Eis-me*, que se inicia da seguinte forma:

EIS-ME AQUI VIVA, MERA MORTAL, FILOSOFANDO sobre a vida, sobre Deus, sobre a crise mundial. Vem-me a cabeça minha herança e lembro de mim criança, depois adolescente e assim como todos carente. Muito antes que depois fui mutante, mulher e amante.[...] Meio insatisfeita sou a sujeita do verbo ser star, estrela perdida no índigo do céu, [...]Eis-me aqui dia seguinte profissa, espreguiça, lava a cara, escova dente e cabelo, dá uma piscada pro espelho e parte pra rotina da dar bons-dias. (LEE, 2017 p.67)

O teor do texto em nenhum momento sugere um personagem ficcional, embora como nos outros contos haja o mesmo estilo inequívoco da despersonalização, do deslocamento do lugar do sujeito, no tempo do texto, talvez também no tempo do leitor. O espelho aí é o dispositivo que permite a única ponte de identificação da autoria com a personagem que fala. E por fim as reflexões vão se apresentando na forma de recados ao leitor.

Eis-me aqui falada, mal bem-amada, o vestido mais bonito uso para ser despido, a vida é tão tranquila que devia emitir atestado de óbito, [...] Eis-me aqui me despedindo de mim depois de vomitar a alma, felicidade é a minha direção não meu destino, me peça para ter calma, antes de rezar vou me perdoar [...] Eis-me aqui renascendo, sendo mais do que eu jamais fui [...] Só não posso viver com quem não consegue conviver comigo, nessas eu tive foi sorte. E se você não salvou a minha vida pelo menos não arruíne a minha morte. (LEE, 2017 p.68)

Outro texto em primeira pessoa, expresso por um personagem de gênero masculino é *Meda*, em que outros fatores são levados ao universo do leitor como forma de crítica auto-referente.

O fato é que tenho medo de tudo; de sair de casa, de terrorismo, de enlouquecer, de morar embaixo da ponte, de ficar doente, do desconhecido, de gluten, de eu entrar num jogo cuja meta é o suicídio. Se bem que da morte não tenho medo, a intenção dela é transparente. Quanto mais sobrevivo, menos confortável fico. (LEE, 2017 p.133)

Desta forma o livro *Dropz* pretende ofertar ao leitor um repertório de escritos, que vão desde brandas imaginações, médias confissões e agudas tiradas ácidas sobre o

universo e o planeta no plano meta ficcional da escritora. No entanto a morte insistentemente aflora como tema e o humor tempera as penas de se pensar nela.

No livro *FavoRita*, destinado ao seu público de fãs, o recado passa a ser confessional em primeira pessoa na quase totalidade dos escritos, que acompanham este grande encarte de fotos. Além de prometer imagens inéditas e músicas proibidas pelo aparato censório dos tempos do Regime Militar brasileiro, a capa informava genericamente “textos e devaneios”. Fica evidente neste material a existência de assessoria jornalística, que teve o cuidado de coligar os dados dos acervos dos fundos públicos e mesmo o esmero com o material visual, mas a autoria de Rita Lee como escritora de si mesma, reaparece alinhavando outras ideias acerca do passar do tempo, da transitoriedade da mocidade, e claro do ocaso da morte.

O texto apresentação, intitulado *Jabuti*, metaforicamente se coloca na defensiva quanto ao tipo ou estilo de vida que se leva frente aos julgamentos da sociedade, além do que sobre a morte destila uma série de ideias recorrentes. Vale a pena ver uns excertos:

Dou mais valor a imortalidade quando ainda estou viva.(p.24)[...]
Olha eu aqui rememorando cenas do meu filme que não chegou a um final por que neste momento ainda me encontro viva... não repare, ando abrindo as torneiras da memória. (LEE, 2018, p.26)

O trabalho de escrita acaba se convertendo em uma grande possibilidade catártica de extravasamento dos temores, e mesmo diminuição da tensão do “pensar na morte”, sempre em outras vidas, peles, ou como neste caso casco.

Você pode pensar que minha velha jabuti está entregando os pontos. Não ela apenas vive frugalmente dentro de seu velho casco torcendo para que a morte seja um breve suspiro, agradecendo as inspirações que me mantiveram viva sem perceber que respirava[...] Viver dá barato, vamos plantar vida. A gente se acostuma com nossa cara no espelho e só quando vemos a própria imagem em fotografia percebemos o quanto o tempo está sendo Cruela Cruel. Envelhecer é um susto atrás do outro. (LEE, 2018, p.27)

Novamente o espelho reaparece como elemento de *feedback* do eu real e do eu representado, das várias identidades possíveis de serem assumidas na trajetória da vida. Por fim a autora Rita Lee Jones imagina uma vez mais a chegada da morte.

Vou negociar com a morte tipo “veio me buscar? Então deixa tomar um banho e passar um batonzinho para mostrar que morri limpinha e arrumadinha” É um reconforto dizer a mim mesma “eu, que pretendia viver para sempre, até agora fui bem” Ou de

me imaginar chegando a porta da morte, tocar a campainha e sair correndo. Ela deve odiar isso. Bem aventurados os pessimistas, pois é deles o reino das estatísticas. Numa dessas, eu morro e nem vou ter tempo de reclamar. (LEE, 2018, p.28)

A morte e a piada. O humor negro e a fixação do tema nas várias personagens que por vários caminhos assumem sempre a voz de Rita Lee. Projetada sobre si, projetada fora de si. Não importa o suporte ou meio de comunicação, na composição, na letra cancional, na escrita de si mesma, na prosa ficcional acima de tudo a voz de Rita Lee

Considerações finais

Rita Lee no momento de ascensão da valorização de seu trabalho e de descoberta da própria voz, quando transitou de gravadora para a Som Livre, concede uma grande entrevista a Ana Maria Bahiana. O ano era de 1977, o veículo de imprensa era o Jornal da Música e a artista projetava seu futuro. “Plástica eu não sei se vou fazer, tenho horror de plástica. Mas sabe de uma coisa? Acho que vou ser uma velhinha bem sapeca.” (BAHIANA, 1977/2006 p.142)

A reflexão sobre a idade e a decadência física, estiveram sempre presentes, em inúmeras entrevistas das quais esta é apenas um exemplo. Na revista Serafina, do veículo Folha de São Paulo, ela reelabora suas várias identidades, seu medo da própria representação e da velhice. Mas por enquanto o que se pode afirmar é que a manutenção do negro humor diante da morte iniciado desde os tempos da adolescência em seus textos ainda persiste. (PRETO, 2010 p.56) Se isso é o que caracteriza uma velha sapeca, somos forçados a concordar, esta mulher continua sapeca como sempre foi. Diante do espelho cada vez mais dona de sua própria voz no ocaso da carreira segue definido alguns parâmetros para a percepção da morte contemporânea entre as classes médias seu lugar de origem, e seu público de escuta.

Referências

- ARQUIVO NACIONAL. DCDP. SC: Censura Prévia – letras musicais cx. 645 [Processo nº 548 Parecer nº9616/73]
ARQUIVO NACIONAL. DCDP. SC: Censura Prévia – letras musicais cx. 645 [Processo nº 548 Parecer nº 9551/73, manuscrito verso do documento].
BAHIANA, Ana Maria. *Nada será como antes*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

- CALADO, Carlos. *A divina comédia dos Mutantes*. São Paulo: Ed.34, 1995
LEE, Rita. *Storynhas*. São Paulo: Companhia das letras, 2013
LEE, Rita. *Rita Lee: uma autobiografia*. São Paulo: Globo Livros, 2016
LEE, Rita. *Dropz*. São Paulo: Globo Livros, 2017
LEE, Rita. *Favorita*. São Paulo: Globo Livros, 2017
PRETO, Marcus. A Rita como ela é. *Seráfina*. São Paulo: Grupo Folha de São Paulo, abril/2010

Discografia

- TOBÉ, Rafael T.V. Os' Seis. *Suicida/Apocalipse*. Continental, 1966 –F. nº 33.461
LEE, Rita; CARVALHO, Roberto. *RITA e Roberto*. Som livre, 1985
LEE, Rita; TURNBULL, Lúcia. Festival divino. *Cilibrinas do Éden*. Philips, 1973 F. nº 8025 658
LEE, Rita. *Entradas e bandeiras*. Som Livre, 1976, F. nº 403.6090
LEE, Rita. Som livre, 1993 F. nº 405.0034
LEE, Rita. *Rita Lee – Acústico - MTV*. Poligram, 1998 CD/DVD
LEE, Rita. *Reza*. Biscoito fino/Warner Chappell, 2012 F. nº BF193-7
OLIVEIRA, Roberto de. *Baila Comigo*. Biografitti. Biscoito fino, 2007 [DVD]